

Fazer literatura é trapacear com a língua

Ana Carolina Gonzáles Batista

A linguagem é o meio natural pelo qual o homem encontra formas de se comunicar e interagir com o outro, utilizando-a como um instrumento de ação e interação social. Mas é essa habilidade de manipular a língua que faz com que, desde os primórdios, o homem tente entender e dominar os elementos à sua volta através da linguagem, utilizando-a como um instrumental necessário ao conhecimento e, conseqüentemente, como forma de poder, já que, atividade criadora em si mesma, a língua é, muitas vezes, usada como elemento de persuasão e, também, coerção. Para entender a relação do homem com a língua que ele utiliza para nomear os objetos à sua volta, surge a Lingüística, que vai dedicar-se ao estudo concreto da linguagem, dividindo-se em formalista buscando o que é universal e constante na linguagem e sociologista que vai enfatizar a diversidade e a multiplicidade, acreditando numa relação intrínseca entre língua e sociedade.

Toda experiência humana requer comunicação, e é através da linguagem que a criança começa a descobrir o mundo e ter contato com ele. Dessa forma, corroborando com Jakobson (1956), afirmamos que língua e cultura se implicam mutuamente, e, ainda, que a linguagem é o próprio fundamento da cultura, que identifica cada sociedade ou grupo social.

É justamente dessa interação com o falante que surgem os estudos pragmáticos, que vão estudar as condições que governam a utilização da linguagem na prática lingüística, de que trata este artigo, mostrando como a Literatura trapaceia com a língua, ao fazer um jogo simbólico, onde o mais importante não é aquilo que está escrito, mas como o leitor recebe a mensagem.

O jogo simbólico das palavras

O conceito de face, de domínio da Pragmática, nos remete à Teoria dos Atos de Fala¹, às Máximas Conversacionais², e, principalmente, à Teoria das Faces³. Se atentarmos para a nossa comunicação, podemos perceber que usamos sempre palavras muito veladas, as críticas são feitas de forma muito indiretas, para que possamos evitar magoar o outro, para nos esquivar de qualquer responsabilidade de uma interpretação comprometedora. Tal comportamento é o que chamamos de instrumentos de proteção à face, já que sempre

¹ AUSTIN, J. L. How to do things with words. In: JAWORSKI, W.; COUPLAND, N. *The Discourse Reader*. London; NY: Routledge, 1999.

² GRICE, H. Paul. Lógica e conversação. Tradução. João Wanderley Geraldi. In: DASCAL, Marcelo (Org.). *Fundamentos da lingüística contemporânea*. V. IV. Campinas, SP: UNICAMP, 1982.

³ BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness some universal in language usage*. Cambridge: Cambridge University, 1987.

evitamos o confronto. Na literatura, isso se faz muito presente, principalmente por ser uma característica dos textos literários o jogo com as palavras, o uso de metáforas e o brincar com o simbólico, permitindo ao leitor usar a imaginação para interpretar a obra. Segundo Charles Morris (1938), Pragmática é a ciência (ou parte da Lingüística) que estuda as condições que governam a utilização da linguagem na prática lingüística⁴. O ponto de partida dos estudos pragmáticos se dá a partir do filósofo americano John Austin e sua Teoria dos Atos de Fala (1999), que afirma que a linguagem não tem uma função descritiva, mas de provocar uma ação/reação.

Austin afirmava que os enunciados poderiam ser constativos quando exprimem uma declaração ou descrevem o estado das coisas passíveis, assim, de serem submetidos ao crivo de verdadeiro ou falso, ou performativos quando exprimem não apenas a descrição de um evento, mas traz implícitos outros enunciados desejados pelo falante.

Partindo do princípio de que a língua nos permite comunicar mais do que ela verdadeiramente diz, Paul Grice (1982) mostra que a linguagem comunica mais do que significa num enunciado, pois, quando se fala, comunicam-se, também, conteúdos implícitos, imbuídos de ideologia. Quando isso acontece, dizemos que o autor usou de indiretividade, ou seja, optou por esconder determinadas opiniões para deixar que o conteúdo implícito dê as pistas. Para que o leitor consiga entender o que está subentendido, ele precisa fazer inferências sobre o enunciado. É o que Grice chama de Princípio da Cooperação. De acordo com o autor, há um princípio geral que rege a comunicação e que se esperaria que os falantes de uma língua observassem. Grice estabelece as Máximas Conversacionais:

Quantidade, qualidade, relação (referem-se ao que dizer) e modo (como dizer), assim descritas:

Quantidade

- a. torne sua contribuição tão informativa quanto for exigido;
- b. não torne sua contribuição mais informativa do que for exigido.

Qualidade

- a. não diga aquilo que você acredita ser falso;
- b. não diga aquilo para o qual não possua evidência.

⁴ MORRIS, Charles. *Pragmatics* apud LEVINSON, Stephen C. *The scope of pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983, p. 1.

Relação

- a. seja relevante.

Modo

- a. evite obscuridade de expressão;
- b. evite ambigüidade;
- c. seja breve;
- d. seja ordenado.

O que este estudo vem mostrar é que, na interação social, o falante tende a violar essas máximas em prol da preservação da sua imagem, ou da sua face. O conceito de face foi desenvolvido a partir das regras de polidez por Brown e Levinson (1987), retomando os trabalhos de Goffman (1983) sobre a Teoria das Faces.

Para Brown e Levinson, todo falante fluente em sua língua é dotado de duas propriedades (i) razão, que lhe permite escolher os meios adequados para atingir os fins pretendidos e (ii) face, que, na definição de Goffman (1959, 1983, 1967), se refere à auto-imagem pública que uma pessoa constrói, sustenta ou perde, em função da linha de conduta adotada no decorrer de uma interação⁵.

Para os autores, o indivíduo, em suas relações sociais, tendem a respeitar esse princípio por dois motivos: para manter a sua face de boa pessoa, educada, gentil e, assim, ser bem aceita e, por outro lado, para não derrubar a face do outro que, sentindo-se ameaçado ou intimidado, vai querer tirar a face do seu interlocutor. Assim, creio que esse instrumental “proteção à face” nada mais é que uma forma de se manter seguro nas relações sociais e, conseqüentemente, ser aceito.

Mas não é apenas na interação face-a-face que o emissor tende a proteger a sua face com mensagens ambíguas, mas também a linguagem literária tende a usar a língua como instrumento a favor de uma ideologia, fazendo-o, também, através do instrumental concernente a ela: a metáfora.

⁵ OLIVEIRA, Maria do Carmo L. Polidez e Interação. In: _____. *Práticas discursivas: da teoria à ação social*. Homenagem a Malcolm Coulthard. São Paulo: Contexto. No prelo.

O simbólico na literatura

Acreditamos que a comunicação esconde mais que revela, sendo tal recurso largamente utilizado pela literatura que, visando não expor a face do autor, escolhe palavras para provocar reações no leitor e passar para ele a responsabilidade de interpretar as expressões veladas, o que chamamos de ler nas entrelinhas. Tal comportamento é visto até mesmo no fato de muitos autores adotarem pseudônimos, visando não expor suas verdadeiras faces, violando as máximas conversacionais de Grice (1982).

Para Roland Barthes (1978), é através da linguagem ou da língua, sua expressão obrigatória que se inscreve o poder, justificando sua crença nas palavras de Renan, que afirmava que a língua não se esgota na mensagem que produz. Por trás das palavras, cuidadosamente escolhidas pelo emissor, existe uma mensagem em que se faz ouvir conteúdos além daqueles que foram ditos. Barthes acredita que, quando falamos, somos mestres e escravos das nossas palavras mestres porque temos a perspicácia de arrumar a língua de tal maneira a exprimir nossa ideologia utilizando signos que, *a priori*, seriam arbitrários, mas que, impregnados de intenções implícitas, tomam forma de discurso ideológico; e também escravos, pois ficamos à mercê da interpretação que o outro faz sobre as nossas intenções. O autor ainda afirma:

Mas a nós, que não somos nem cavaleiros da fé nem super-homens, só resta, por assim dizer, trapacear com a língua, trapacear a língua... porque o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro⁶.

Essa concepção de que participamos de uma peça de teatro onde somos todos atores aparece também em Goffman, que afirma que somos grandes atores, representando um texto que nós mesmos produzimos, mas não o fazemos sozinhos, posto que é na interação que o sentido é construído, e remete, ainda, o conceito de face às máscaras que usamos para nos proteger, tal qual é feito na literatura.

Miguel torga e a personificação humana em animais

O português Miguel Torga ou Dr. Adolfo Correia da Rocha, já que o escritor bacharelou-se na Faculdade de Medicina de Coimbra nasceu em São Martinho de Anta, pequena aldeia perdida na província nordestina de Trás-os-Montes, Portugal, vindo a falecer no dia 17 de Janeiro, em Coimbra. A 18, foi sepultado em campa rasa no cemitério da sua

⁶ BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978, p. 16-17.

terra natal, S. Martinho de Anta. De seu nome completo, adotou o pseudônimo de Miguel Torga porque, segundo o próprio autor, eu sou quem sou. Torga é uma planta transmontana, campestre, cor de vinho, com as raízes muito agarradas e duras, metidas entre as rochas. Assim como eu sou duro e tenho raízes em rochas duras, rígidas, Miguel Torga é um nome ibérico, característico da nossa península⁷.

Miguel Torga é um escritor múltiplo, tendo transitado por diferentes gêneros literários, impulsionado por uma força vital de justiça, eternamente insatisfeito com a apatia do ser humano ante os acontecimentos da vida. Tal crítica aparece, principalmente, em *Bichos*, que surge em 1940, trazendo animais com sentimentos humanos, ou seres humanos vestidos de animais, ou uma irmandade de animais e homens.

Os bichos de Torga são bem humanos, ou, ao menos, personificação de humanos em bichos, que é no que o homem se transforma quando perde a capacidade de indignação, quando perde a própria razão de ser. Em sua *Arca de Noé*, Torga traz os bichos-humanos e saúda o leitor a que os olhe com a luz da imaginação acesa.

Os contos escolhidos para esta análise foram *Mago, o gato*, e *Vicente, o corvo*⁸. Como diz a música dos Saltimbancos, os gatos já nasceram pobres, porém, já nasceram livres. Mas Mago foge a essa regra. Acomodado e de vida mansa, o gato passava seus dias mole, sem ação, bambo e morno como o cobertor de papa onde dormia. Assim eram seus dias: nada de vasculhar lixos à procura de restos de comida, de pular de telhado em telhado, de miar para as fêmeas nem de brigas por território. Seu lar era o conforto dos braços de D. Maria da Glória Sância.

Mas nem tudo eram flores. Mago era um gato dividido. Por um lado, a natureza o chamava a cumprir seu destino de gato ser livre; por outro lado, o conforto que sua dona lhe proporcionava era um forte convite a negar seus instintos e continuar vivendo com “um fio de oiro” no pescoço.

Em certa ocasião, Mago resolveu mudar. Ia largar as saias de D. Sância e voltar para o “clube da gataria”. Não, aquela não era vida para ele, afinal, quase não saía de casa; banquetear-se ao invés de perder tempo, imóvel, debruçado três horas sobre um buraco tocaiando um mísero rato; ficava-se pelas almofadas. Mas estava disposto a se libertar e voltar às ruas e à Faísca que, por essas horas, andava metida com o Zimbro.

“Estava agora disposto a ressuscitar daquela vida perdida em que o destino o metera”. E foi embora. Encheu o pulmão com o ar frio da noite e, finalmente, a rua. Afinal, não

⁷ Disponível em: <http://institutocamoes.com.br/basestematicas/literatura/biografia.htm>.

⁸ TORGA, Miguel. *Mago; Vicente*. In: _____. *Bichos*. Coimbra: Coimbra, 1995. Nota: todas as citações entre aspas fazem parte dessa bibliografia

agüentava mais os sarros que os amigos lhe tiravam por ser um gato preguiçoso. Culpa de D. Glória, que o recebera um dia, fraco e magro, e o acostumara a tal vida.

“A que baixezas a gente pode chegar! Ah, mas tinha de acabar semelhante vergonha!” E Mago foi para a rua. Ao reencontrar seus companheiros, não foi tão bem recebido quanto esperava. Aliás, foi alvo de zombarias, principalmente do Zimbro, que além de lhe tirar a namorada, ainda vinha com provocações na frente de todos. Mago não deixou por menos. De unhas afiadas e pêlos eriçados, partiu para cima do adversário, pois, como um gato de rua, deveria lutar pelo seu território. Mas Mago tinha desacostumado dos perigos da rua. Na briga, não foi o felizardo a levar o território, a namorada, o respeito e a vitória. Para ele, gato de vida mansa, só restaram a humilhação, as marcas ensangüentadas da briga e a maldita sala de visitas da D. Sância! Negra sorte! E tudo obra do coirão da velha... Se não fosse ela, em vez de se ir ali esquadrihado, estaria no Tinoco a soltar ganidos como os outros, depois de ter feito o Zimbro em pedaços .

Fugido, machucado, envergonhado, Mago rumou para casa, para o conforto e segurança do seu lar. Mais que qualquer vergonha ou repúdio pelo que se transformara, Mago preferiu resignar-se ao que ele acreditava ser o destino do qual não poderia escapar e, sempre que pudesse, transferir sua falta de ânimo para mudar de vida a outras pessoas, nesse caso, sua protetora D. Glória, glória dele.

Em seu oposto está Vicente, o corvo que, inconformado com a situação em que se encontrava, desafiou o Criador e o destino dos seus companheiros de viagem em nome de sua liberdade. Vicente era um dos animais que vagou em alto-mar na Arca de Noé, rumo a um paraíso prometido, mas aquela incerteza do futuro o perseguia, pois o corvo queria decidir sua própria vida, e não ficar à mercê dos infortúnios que o mar ou a nova vida traria: Calado e carrancudo, andava de cá para lá numa agitação contínua, como se aquele grande navio onde o Senhor guardara a vida fosse um ultraje à criação. O corvo, assim como o gato Mago, inconformava-se com a situação em que vivia, mas, diferente daquele, Vicente volta-se contra o Criador e abre as negras asas e vai de encontro à imensidão terrível do mar.

Mas tal petulância não poderia ser facilmente perdoada, e o Criador pôs sua vontade em prova, afinal, seu gesto tinha sido um símbolo universal de libertação. Deus mandou um muro de fogo, depois um trovão e, finalmente, o confronto entre Criador e criatura. “Horas e horas a Arca navegou assim, carregada de incertezas e terror. Iria Deus obrigar o corvo a regressar à barca? Iria sacrificá-lo, pura e simplesmente, para exemplo? Ou que iria fazer? E teria Vicente resistido à fúria do vendaval, à escuridão da noite e ao dilúvio sem fim? E, se vencera tudo, a que paragens arribara? Em que sítio do universo havia ainda um retalho de

esperança”? Mas Vicente venceu. Chegara a terra firme, conforme a sua vontade e sacrifício. A luta fora muito penosa, mas sua liberdade valia o esforço. Mesmo que não resistisse, morreria com a consciência de que não se resignou ao destino, mas que o construiu à sua maneira. Porém, Vicente estava tão resoluto e em nenhum momento se arrependera.

Reconhecendo que a criatura não cederia, o Criador reconheceu sua garra. Era “evidente que o Senhor ia ceder”. Que nada podia contra àquela vontade inabalável de ser livre. E Deus cedeu, pois reconheceu que, se ele dera às suas criaturas o livre arbítrio, não poderia punir aquele que resolvesse fazer uso de tal instrumento.

Na nossa vida, encontramos muitos Magos e, infelizmente, poucos Vicentes. Ambas as obras tratam justamente desse instrumento tão valioso que nos foi dado o livre arbítrio e o que as pessoas fazem dele. Normalmente, a vida mais fácil e confortável é aquela que atrai mais e, quando os infortúnios acontecem, o mais cômodo é culpar um terceiro: alguém que nos acolheu, nos protegeu, ou, até mesmo, culpar o destino, pois não há nada que possa ir contra ele. Mudar é sempre um desafio e traz muita insegurança, pois damos passos rumo ao desconhecido, o que gera medo, o pior inimigo.

Assim, enquanto uns escondem-se sob a máscara do destino e perdem o que de melhor a vida pode oferecer, outros abrem caminho e escrevem seu próprio futuro. Essa é a mensagem contida nesses contos, que metaforizam seres humanos em animais, já que, em muitos momentos, agimos como tais, apesar de sermos denominados os “racionais”.

Conclusão

Sendo um instrumento de poder, a língua e o uso que dela fazemos pode conter mais do que realmente está expresso em palavras. Assim, entendemos que, quando produzimos enunciados, comunicamos muito mais do que realmente falamos. Quando comunicamos, não estamos apenas dizendo aquilo que as nossas palavras transmitem no sentido dicionarizado, mas estamos sinalizando o modo como pensamos, agimos e o valor que damos a determinadas coisas.

A comunicação, dessa forma, é vista como uma dança, onde as pessoas envolvidas devem estar cientes dos passos que a outra vai dar e acompanhar o ritmo. Se uma das duas falhar, a dança não se completa, talvez por isso, quando as pessoas não se entendem, costuma-se chamar de samba do crioulo doido.

É preciso encarar a linguagem como o mais eficiente instrumento de ação e interação social, já que é por meio da língua que exteriorizamos nossos pensamentos e desejos. As

palavras, assim, não são apenas coisas ou um conjunto de símbolos arbitrários e desconexos, mas uma atividade criadora, e que só aquele que consegue dominá-la, pode fazer uso do poder nela implícito. Só aqueles que compreendem o fazer lingüístico estão aptos a discriminar fatos, inferências e juízos de valor.

Para tal, ao nos depararmos com situações onde existe interação social, é mister pensar que, como o sentido é construído conjuntamente, sempre trabalhamos com hipóteses, tanto sobre o que o outro quis dizer quanto como poderemos receber as mensagens. Questões como qual foi a intenção do falante quando fez aquilo, como o contexto influencia o que está sendo dito e o que estou realmente querendo dizer, quando escolho uma determinada forma de dizer, fazem parte da construção do sentido que queremos empregar nas palavras.

O presente estudo tentou mostrar que a prática lingüística não é nada tão distante, como alguns acreditam; ao contrário, tudo que produzimos se reflete diretamente na forma como utilizamos a língua, ou seja, através de palavras veladas, de duplo significado, para que não magoemos o outro e, com isso, ele se rebele contra nós. Por isso a necessidade dos estudos pragmáticos, que pretendem dar conta de como utilizamos a língua para comunicar mais do que aquilo que realmente é expresso em palavras.

Referências

AUSTIN, J. L. How to do things with words. In: JAWORSKI, W.; COUPLAND, N. *The Discourse Reader*. London; NY: Routledge, 1999.

BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.

BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos estudos lingüísticos*. 9. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1986.

BROWN, P; LEVINSON, S. *Politeness some universal in language usage*. Cambridge: Cambridge University, 1987.

GOFFMAN, E. *Interactional Ritual essays on face to face behavior*. New York: Panteon, 1983.

GRICE, H. Paul. *Lógica e conversação*. Tradução. João Wanderley Geraldi. In: DASCAL, Marcelo (Org.). *Fundamentos da lingüística contemporânea*. V. IV. Campinas, SP: UNICAMP, 1982.

_____. [1967].[1959]. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

JAKOBSON, Roman. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1956.

LEVINSON, Stephen C. The scope of pragmatics. In: MORRIS, Charles. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

OLIVEIRA, Maria do Carmo L. Polidez e Interação. In: _____. *Práticas discursivas: da teoria à ação social*. Homenagem a Malcolm Coulthard. São Paulo: Contexto. No prelo.

TORGA, Miguel. *Bichos*. Coimbra: Coimbra, 1995.